

As mãos limpas

João Emílio Falcão

As gerações mais antigas leram, com emoção, "As Quatro Penas Brancas", filmado, com grande sucesso, na década de 30. É a história de um jovem inglês que, atingido por acusações levianas, se alista na Legião Estrangeira e vai devolvendo as injúrias, as penas brancas, à proporção que os caluniadores reconhecem o erro.

A releitura é necessária agora, quando há uma paranóia de acusações e o economista José Carlos dos Santos, incurso em tantos crimes, torna-se o símbolo da moral pública, melhor, sua vestal. Seu poder moral leva-o a acrescentar nomes com frequência, a pretexto de que os havia esquecido. Basta declarar ter ouvido dizer que alguém sabia das irregularidades na Comissão do Orçamento para condená-lo, a exemplo do que fez com políticos sérios e corretos, entre os quais destaco os senadores Alexandre Costa e Humberto Lucena.

Há uma volúpia nacional em descobrir culpados, em execrar as pessoas, e isso não é bom. Leva, pelo exagero, a muitas injustiças. A denúncia irresponsável e a notícia leviana deveriam ser punidas exemplarmente para a infâmia não prosperar e a delação não voltar a ser, como em períodos do regime militar, a vingança dos covardes. É uma ofensa às garantias e direitos individuais porque

as pessoas atingidas sabem quanto a vida lhes torna amarga após certas acusações, mesmo sem provas.

A apuração das irregularidades, seja em que setor for, praticadas por qualquer um, é um dever público e uma exigência da cidadania. Não se deve, porém, deixar que o vedetismo faça dessa volúpia, muito semelhante a dos assistentes dos circos



romanos, um comportamento nacional. Na CPI sobre o governo Collor surgiram um motorista e uma secretária que tinham realmente o que dizer e, agora, aparecem até testemunhas ridículas e parlamentares empenhados apenas em ser filmados pela tevê.

Mesmo com essas deficiências, a CPI, presidida pelo senador Jarbas

Passarinho, um dos homens mais íntegros do País, está prestando notável serviço ao Brasil e ao Legislativo, cuja imagem sairá fortalecida porque a investigação vem sendo feita aos olhos da Nação, com absoluta transparência. Não importa que cerca de 80 por cento dos parlamentares não voltem porque o povo está enjoado de seus representantes.

Por que o Legislativo atingiu níveis tão baixos? Seria fácil criticar apenas os parlamentares, mas a verdade é que na CPI, de certa forma, está desfilar o País. Os anões, os aproveitadores das verbas públicas, estão em todos os poderes, não apenas no Legislativo, pois tanto é desonesto o parlamentar que destina verbas a entidades fantasmas quanto o juiz que retarda sentenças por interesses escusos ou o funcionário que cria dificuldades para vender facilidades. O Legislativo, pelo menos, tem coragem de expor suas mazelas e enfrentá-las, ao passo que os outros Poderes estão omissos.

Há um ano o povo festejou nas ruas a queda do presidente Collor, ou seja, a vitória dos homens de mãos limpas. Hoje existe um clima de desespero e desencanto. O que houve? É evidente que o governo Itamar Franco continua tendo boas intenções, mas estas não bastam. É preciso governar, como diria o ministro Fernando Henrique Cardoso, e governar, neste momento, é, primordialmente, cuidar que todos tenham as mãos limpas. Neste ano ele perdeu várias oportunidades de empolgar o País, mas ainda lhe resta a de promover a reforma de costumes. Deve, porém, compreender que o tempo está passando rápido e não basta que suas mãos sejam limpas.

■ João Emílio Falcão é jornalista